

L. 61169

CAPT. MENEZES FERREIRA

: JOÃO :

IMPRESSÕES

: NINGUEM

DO

C.E.P.

: SOLDADO :

DA

1917

-
1918

: GRANDE :

: GUERRA :



Américo 7919

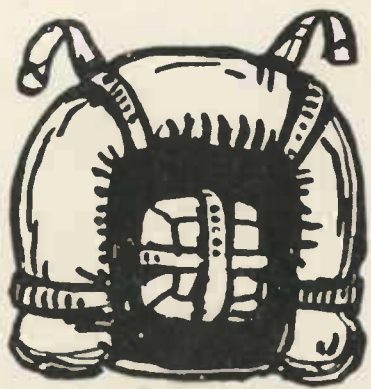


© 1918
110

2
6/1/64



IMPRESSOES
DO
C.E.P.





JOÃO NINGUEM



P. 79004

SOLDADO DA GRANDE GUERRA

L. 6 1 1 6 A.

IMPRESSÕES HUMORÍSTICAS DO C. E. P.

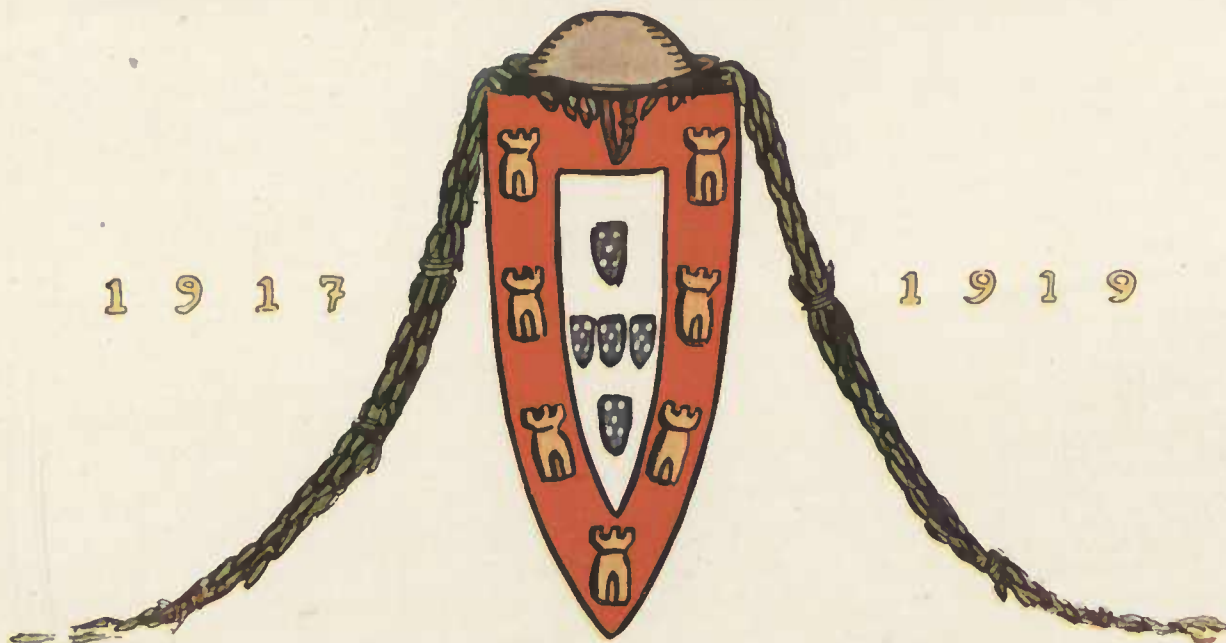
TEXTO E DESENHOS

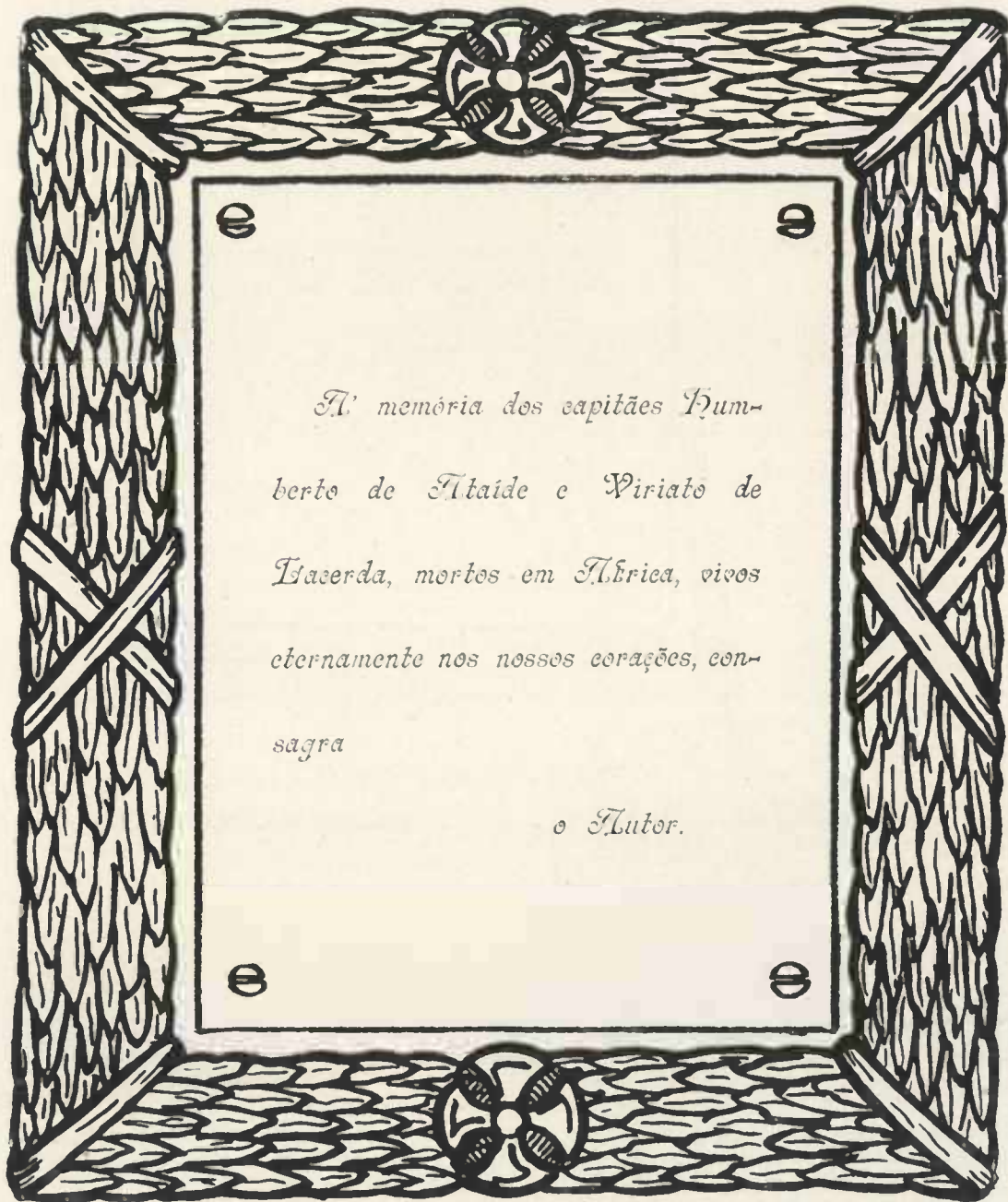
DO

CAPITÃO MENEZES FERREIRA

1 9 1 7

1 9 1 9





*A' memória dos capitães Hum-
berto de Ataíde e Viriato de
Bacarda, mortos em África, vivos
eternamente nos nossos corações, con-
sagra*

o Autor.



A TO DOS . O S . I M P E S .
S O L D A D O S . D E . P O R T U -
G A L . O R G U L H O . D A .
N O S S A . R A Ç A . O . O .
O . O . O . O . O . O . O . O .

CONSAGRA E DEDICA

CAPT.

Quinera

DUAS PALAVRAS





DUAS PALAVRAS

Os portugueses, gente brava e lial, de há muito provada em gigantescas batalhas, homens de uma só palavra, nunca poderiam ter cruzado os braços perante a labareda que incendiou a Europa e fez marchar as nações civilizadas contra a prepotência duma avalanche de bárbaros.

Velha raça de guerreiros e navegadores, homens rudes mas de “coração ao pé da bôca”, embora de há muito entorpecidos na contemplação das inegaláveis maravilhas da sua terra, sem dar crédito a maldosos, desprezando os pusilânimes, não hesitaram em se atirar para o mais aceso da fogueira, justamente quando as hordas inimigas alastravam pelo mundo o terror e a corrupção.

Escravos dos seus juramentos, firmados em seculares tratados de aliança com o seu velho e poderoso amigo John Bull, embevecidos na irresistível simpatia pela gloriosa França, mentora dos seus sonhos e aspirações de Liberdade, sessenta mil portugueses deixaram, mais uma vez, a praia do Restêlo, em busca de novas façanhas e cometimentos.



Sessenta mil homens tisnados por um sol ardente, sessenta mil diplomatas que melhores os não poderia ter enviado a velha Lusitânia para agitar bem alto a sua antiga flâmula de nação independente, partiram, pois, em direcção a Flandres, a defender os seus direitos, a combater o “Boche”.

Quatro infindáveis anos decorreram: quatro séculos de ansiedade.

Jugulado o inimigo e para sempre destroçado o seu poderio militar, ao cabo de tantos sacrifícios a Vitória chegou e, com ela, a esperança de um futuro mais tranqüilo.

Surge-nos então, acima de todas as paixões e das inconfessáveis ambições dos políticos, a figura dominante do soldadinho português, sofrendo calmo e resignado todos os horrores de uma guerra sem precedentes e as amargas saudades da sua terra longínqua e bem amada.

Mais do que os canhões cedidos a lord Kitchner e do que as vinte mil armas fornecidas aos “afrikanders”; mais do que os mantimentos enviados para Gibraltar e do que o apresamento da frota mercante ao inimigo, o seu esforço nos campos de batalha tão ingratamente esquecido por uns, tão miseravelmente apoucado por tantos, vale, no que representa em auxílio moral à causa dos aliados, todo um poema de Camões.

Devemos-lhe, pois, as nossas maiores homenagens de gratidão.

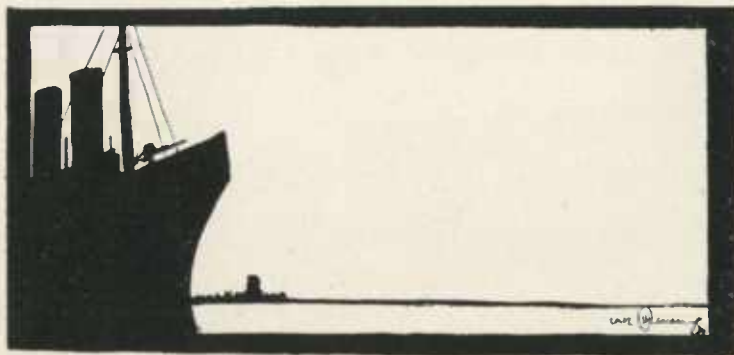
Por mim, na idéa firme de glorificar os heroicos soldadinhos de Portugal, resolvi escrever um dia êste livro de bom humor, numa linguagem simples e pitoresca para que mais facilmente fôsse compreendida pelas crianças e por toda a gente da nossa terra.

Dêste modo, apenas ataviado com a minha inexperiência literária, tive a ingénua pretensão de vos entreter o espírito, tratando por uma forma alegre um assunto de tão grande seriedade.

Que nome poderei eu dar aos simpáticos soldadinhos, àqueles trigueiros que das oito províncias de Portugal acorreram de mochila às costas, sem faltar ao embarque para honra dos seus batalhões?

Nem “serrano”, nem “lanzudo”, nem “gambúzio”, nem “folgadinho”.

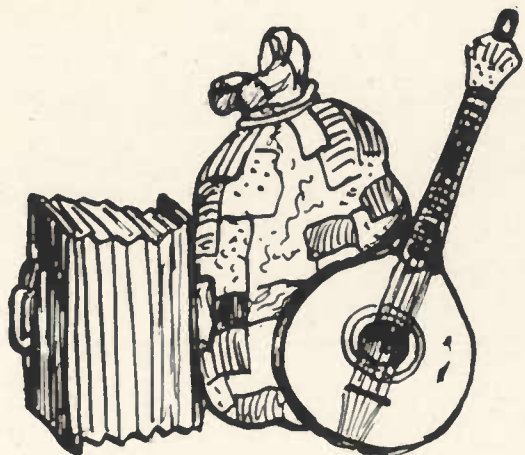
Baptizá-lo hei, muito simplesmente, com o nome de “João Ninguém”.



incarnando assim, nesta modesta alcunha, aquele português que nas horas difíceis tudo faz para maior glória da Pátria e a quem muitos esqueceram, chegada a hora dos benefícios e compensações.

BARRA FÓRA





Fardados da côr da bruma
Soldados da nossa terra,
Cruzes de Pau, cada uma
Representa a Cruz de Guerra.



O “Boche” era, naqueles atribulados tempos da Grande Guerra, um homem muito feio de barbas erriçadas e de grandes óculos para fingir de sábio.

Um belo dia, êsse feroz tarimbeirão dos tempos de Frederico, inventor de um sistema de “Kultur,, para uso próprio, teve a prosápia de supor que o velho mundo civilizado se lhe lançaria logo aos pés implorando êsse novo sistema de civilização, mas bem depressa contrariado nos seus propósitos de tirano, vá de se lançar no caminho das maiores violências e não houve então recanto da Europa onde não deixasse, sangrando, as traças da sua requintada ferocidade.

Foi assim que amarfanhando tratados e convenções, êles aí vieram de roldão pela Europa fora, martirizando a Sérvia e a Bélgica, talando sem cerimónias o território da França, tendo desde logo mobilizado um “Gott mit Uns” sanguinário e mau, em cuja homenagem imolaram os civis indefesos, aos trágicos clarões das catedrais incendiadas.

Pela segunda vez assistiu-se então a uma verdadeira invasão de “Fritz”, bárbaros



do século XX, saqueando aldeias e arrasando cidades em passo de parada.

As “pequeninas.. nações — a “arraia miúda” da sociedade internacional — presentindo a sua independência ameaçada, não hesitaram em oferecer os seus serviços à “Mariana”, a gloriosa República Francesa, agora toda derretida com John Bull, êsse conspícuo cavalheiro açambarcador dos mares, todo ancho dos seus incomparáveis “dreadnoughts”.

E temos que confessar, que congregados desde logo os seus esforços, firmemente unidos na terra e no mar, fácil se lhes tornou o jugular a fera, sobretudo desde que a França teve a sorte de encontrar o seu homem naquele excelente “Vieux-Pápá” Joffre, o taciturno general que a baldes de água do Marne esfriára para sempre os entusiasmos do “Boche”, reduzindo a uma cruel desilusão o “nach Paris.. das tropas de Von Kluck...



Pétain, Foch, Castelnau, lord Kitchener, French e tantos outros nomes que ficarão gravados eternamente em letras de ouro nos nossos corações, foram os principais obreiros das vantagens obtidas nos primeiros dois anos de guerra, destacando-se Pétain cujo nome jámais se poderá desligar da defesa de Verdun, sob cujos muros o Kron-Prinz deveria abater mais tarde as suas prosápias de tudêsko.

*

No extremo Sul da Europa, num país em que as “coisas” do estrangeiro chegam com um atraso de muitos anos, vive um “Mathuzalem” de grandes barbas brancas, antigo Descobridor dos Mundos reformado, com o seu neto, um joven que passa os dias a dormir beatificamente, fazendo de travesseiro um grosso volume de versos que falam das suas antigas epopeias e o impuzeram à consideração dos povos.





O “Barbaças”, que nunca larga a sua farda de marinheiro, chama-se Portugal e o neto que Bordalo Pinheiro com tanta felicidade retratou em todos seus aspectos de Zé Povinho, agora, na sua farda cinzenta de galucho mobilizado, chama-se “João Ninguém”, modesto combatente da África e de França que, como uma sombra, há de passar mais tarde por entre os seus decantados irmãos de armas os “Tommies” e os “Poilus”.

De facto, um belo dia, o velho Portugal, maltratado nas suas colónias africanas, tendo-lhe dito o seu antigo aliado John Bull, um “segredinho”, acêrca dos navios alemães ancorados no Tejo, num daqueles generosos impulsos que tantas vezes o tem levado às culminâncias da glória e outras tantas aos baixios das desilusões, resolve acordar o neto, reclamando para êle um pequeno lugar de nação civilizada nos parapeitos da Flandres, onde, há bastos séculos, já se afirmara bom soldado e bom namorador.

Na terra de “João Ninguém” todos falam e ninguém tem razão. Sem contar com as falas dos inúmeros “velhos do Restêlo” dos tempos que vão correndo, estabelece-se por largo tempo uma certa confusão nos espíritos, habilmente explorada pelo inimigo, e, ai de nós! servindo optimamente os interêsses da baixa política e dos que desejavam, acima de tudo, a vitória dos “Boches”.



Mas não importa. Das oito províncias de Portugal “João Ninguém” acorre serenamente ao toque de reunir dos seus batalhões, pois que, brioso



como é, a sua honra de soldado impele-o a vingar, por qualquer forma, os desastres de Naulila e Cuanguar.

Comtudo, não podemos afirmar que todos tivessem marchado para os seus quartéis como quem vai para um arraial.

“João Ninguém” é analfabeto e foi sempre ingénuo e bom. É por isso mesmo que, atarantado pela especulação política de todos os matizes, leva no fundo da sua alma certas apreensões acêrca do futuro.

Depois de ter suportado as soalheiras de “Paulôna”, êsse inolvidável

acampamento de Tancos, besuntado ligeiramente de um trêno guerreiro muito rudimentar, — ora vai hoje, ora vai amanhã —, lá foi chamado emfim para o embarque, naquele áspero inverno de 1917!

Quantas hesitações, quanto comodismo, quantas contrariedades a vencer! E o pior de tudo era que os compromissos tinham sido tomados em nome da nação.

Mas “João Ninguém”, assim o compreende e é por isso mesmo o único que se salva, embarcando, apesar de tudo, nos grandes transportes emprestados por John Bull...

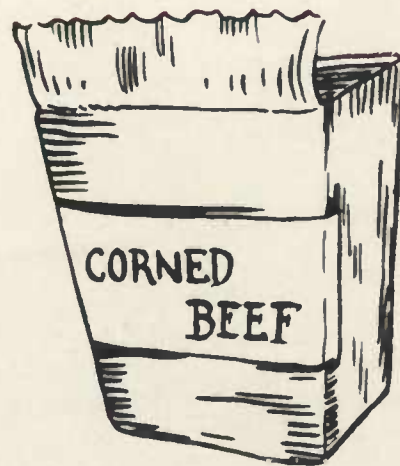


E, dêste modo, num feio dia de Janeiro, quasi em segredo, partiram barra fora, de sacos de ramagem ao ombro e guitarra sob o braço, os pequenos soldadinhos portugueses, fardados da côr da bruma e nela levando já embrulhada a sua alma dorida de saudades.

Barra fora... barra fora.....

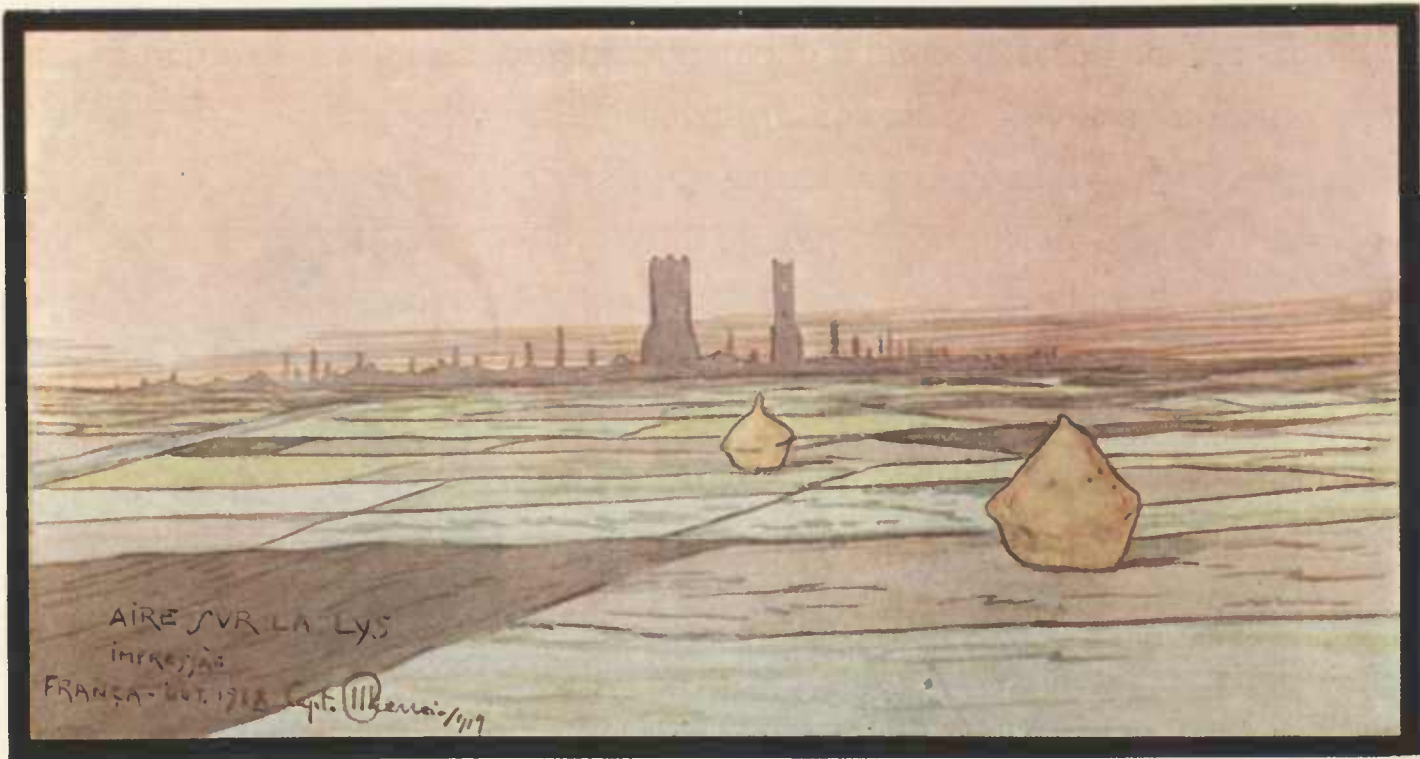
Quatro longos dias de alto mar, alterado e bravo!... Quatro longos dias de “corned beef!... Quatro longas noites de anciedade!... Depois... Terras de França! Terras de França! Emfim...

TERRAS DE FRANÇA





A morrer sorrindo á Dôr
Ser soldado é ser Alguem
Que se bateu com ardôr
Lá nas Terras de Ninguem.



Quando os portugueses desembarcaram pela primeira vez em Brest, com aquela arevezada temperatura de dez graus abaixo de zero, não se lembravam já que, muitos anos antes, alguns milhares dos seus compatriotas tinham palmilhado heroicamente a Europa, seguindo o “Petit-Caporal” desde Bayona até Moscou.

Ralado de saudades, amachucado e gebo de vir estirado no convez, “João Ninguém” e os seus patrícios, a despeito das suas caras enfarruscadas por uma barba de quatro dias, foram desde logo recebidos com maior simpatia pela população francesa.



Mas foi curta a demora na cidade. Apenas o tempo de se encher os cantis e de se atulhar os bornais com as rações de “corned-beef”, foram nessa mesma noite, amontoados como sardinha em canastra pelos míseros “vagens J” (40 homens e 8 cavalos), onde “João Ninguém”, meio aturdido e desconfiado, demonstra a evidência com seu ar bisonho e o seu negro olhar, onde transparece o sentimentalismo lamuriento de uma raça de contemplativos, a falsidade do estribilho com que durante o dia inteiro, “gravroches”, “grisettes” e “made-moiselles” de toda a espécie lhe atazanam os ouvidos:

“Les Portugais sont toujours-gais!”

E assim, pôsto o comboio em andamento, afogadas as mágoas na aguardente da ração, já meio conformados e embrulhados no fatalismo que lhes vem da sua raça, lá se deixam conduzir, os soldados portugueses, para muito longe da sua terra, não sabendo bem para onde, e muitos deles talvez para nunca mais voltar.



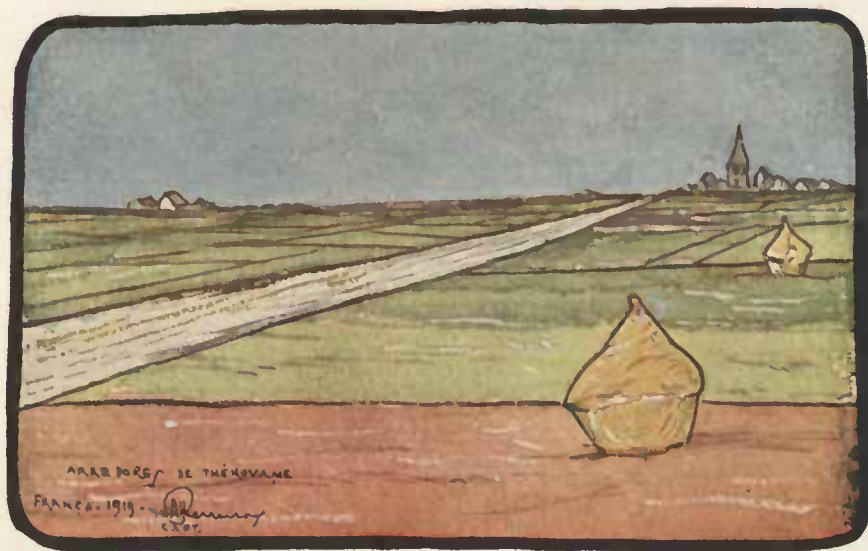
*

Aos olhos dos pobres soldados transidos de frio, espreitando arroxeados pelos postigos dos vagon, vai-se desenrolando uma interminável paisagem coberta pela neve, alvíssimas extensões apenas manchadas, de longe em longe, pelos telhados da casaria ou pelos bosques desenhados ao fundo, num horizonte cinzento sujo.

Durante longos dias, um imenso comboio, abarrotado de homens de farda côm de cinza, desliza, vôa, por uma via férrea sem fim, em direcção a Calais, tendo no seu trajecto cruzado com tantos outros, que, numa vertigem louca, vão despejar de norte a oeste da França os “homens” calmos de kaki e os ardentes “poilus” de farda azul-horizonte.



Deixando assim as terras bretãs de “calmaria podre”, onde nem sequer o “ticket” de pão ainda assentara arraiais, tendo cruzado a fértil



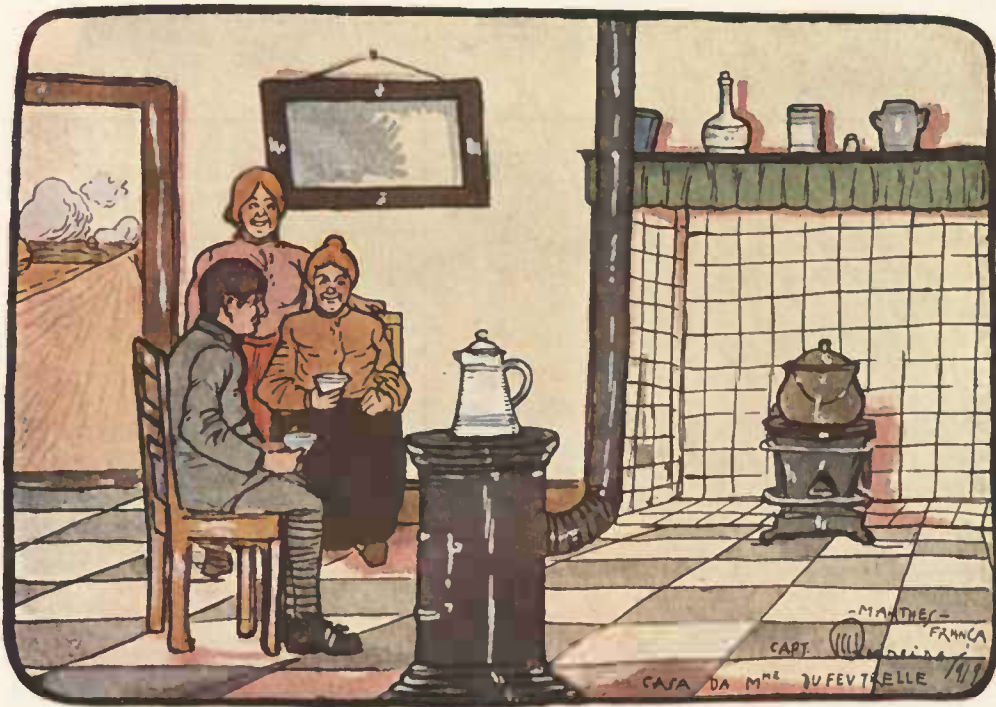
região do Somme, e apontando a todo o vapor mais para o norte onde já se percebem os “bouns-bouns” do canhão, entra pois, o primeiro comboio de tropas portuguesas, no populoso departamento do Pas-de-Calais.

Boulogne... Calais... St-Omer... Aire-sur-la Lys! Aire!

Recordam-se vocês daquele fevereiro de 1917?

Foi ali, que numa fria manhã de muitos graus abaixo de zero se despe-

jou o primeiro comboio, e todos os soldadinhos cinzentos, agora enfiados pela neve, enrolados nas suas mantas escuras de maltezes, souberam finalmente que



era essa pequenina cidade do Artois, retalhada pelo rio Lys, o terminus da sua primeira viagem em terras de França.

Quem poderá jámais esquecer esta escura cidade, com a sua velha catedral do tempo das

cruzadas, a sua casa espanhola do século XIII e aquela “Grande Place” do Hotel de Ville, onde havia um coreto, que um dia desapareceu “roido” pelas mulas do C. E. P.!?

Dize lá tu, “João Ninguém”, que tantas vezes “palmilhaste”, a “butes” ou de camion, as estradas, que da aldeia do teu boleto iam direitinhas ao Aire, se tu poderás esquecer algumas daquelas tardes de conversa no Q. G. 3, aquela papelaria da boa Madame Faës, onde embasbacavas diante da Germaine, a Princesa Magalôna dos teus sonhos de meridional?!

Dizei todos vós, galuchada do C. E. P.: soldadinhos do 13, do 15, do 29, e de tantos outros batalhões, artilheiros, engenheiros, cavaleiros, dizei vós, se podereis esquecer êsse estranho burgo mal calcetado, de ruas desalinhas, com tristes casarões de frontaria mal lavada, pelo menos, enquanto os “camions” ingleses esparrinhavam lama para as janelas; ruas cheias de lojas de bujigangas, onde derretieis os “francos” da “subvenção” em “souvenirs” de toda a casta, para as quantas “fiancées” das redondezas?!



Era para ali, que os teus oficiais todas as tardes abalavam, em loucas galopadas, a afogar a “neura” nos “tea-



rooms". Era ali que eles compravam os "Abdulahs" das cantinas inglesas, estarecendo assim as "ingénuas" e loiras princesas das "férmes,,



onde aboletavam. Era ali, justamente ao meio da rua de Arrás, que no gordo e antipático Dorvaux, os "dandys" do C. E. P., encomendavam os seus incríveis calções "basanéés" de ca-

murça branca e os "bonets" à inglesa com que irritavam meio mundo.

Foi finalmente ali que, pela primeira vez, travaste conhecimento com o teu camarada "Camóne", ao lado de quem havias de viver, mais tarde, os avinagrados dias da "trincha".



Aire-sur-La Lys!

Como se ha de varrer da tua memória, "João Ninguém", o nome desta cidade, se durante aquele ano de 1918, perdidas já todas as esperanças de seres rendido nas "trinchas", abandonado pelos egoistas da tua terra, esquecido de todos, adaptando os teus costumes aos de esta boa gente do Pas-de-Calais, chegaste a fazer dela uma cidadezinha quasi portuguesa, e a que, portanto, chamaste com propriedade: "Aire-sur-La Lis... bonne!..."

ALDEIAS DA FLANDRES

"João Ninguém" e os seus oitocentos camaradas do batalhão, encarquilhados sob os rudes equipamentos atulhados de roupa, enregelados pelo frio, "calcurrinhando" pesadamente a neve, que embranquece as estradas sem fim, chegam à boquinha da noite à pequena aldeia destinada para seu boletto.



Acodem-me então à memória vários nomes de aldeiasinhas do Artois e do Pas-de-Calais, onde “João Ninguém”, afeito às durezas da guerra,



esfolou o seu rijo corpo de serrano pelas humildes palhas dessas “férmes” esboroadas pelas granadas: St. Quentin, Marthes, Mametz, Herbelle, Moulin-le-Comte, Théroouane, Rouquétoire, Eguinegattes e tantas outras!

*

Uma aldeia flandrina que se presa, além do seu “Calvário” à entrada, nunca tem menos de três “estaminets”, tabernas asseiadadas e ladrihadas a preto e branco, com o seu fogão bem brunido ao centro, um bom lume sempre aceso no inverno e uma patrôa

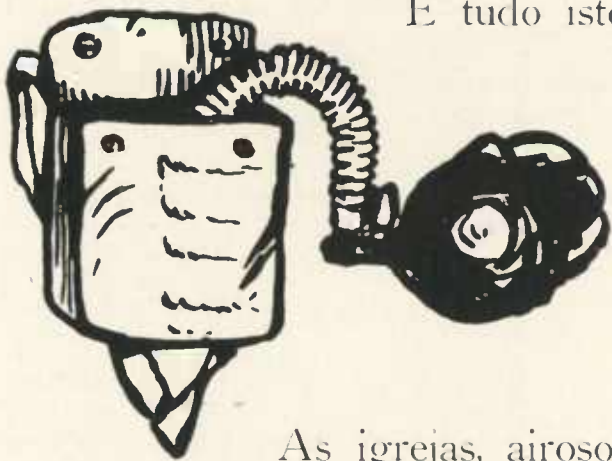
bonacheirona e amável, servindo por detraz dos grandes balcões chapeados de zinco, onde se alinham os copos de todos os calibres, essa aguadilha inofensiva que se chama a “bière”.

Nos grandes centros, especialmente mais próximo do front, naqueles tempos relativamente calmos de “St. Venant”, “Mérville” e “Estaires”, regorgitam os “estaminets” da soldadesca portuguesa e inglesa, nas horas que não são interditas pela polícia.

Então, numa densa atmosfera de fumo de tabaco amarelo, um pianola esfalfa um “fox-trot” em voga ou as mais queridas canções de revistas de Londres entoadas em cântico pelos “camones”.

“If I were the only girl in the world...”, a “Broken-doll” ou as sugestivas cópulas da imorredoura “Madelon”.

E tudo isto muitas vezes a dois passos do “Boche”.



*

Aos domingos, ainda a manhã é uma vaga aspiração do Sol baço destas regiões, já o sino da igreja chama, insistentemente, os camponeses para o culto de Deus.

As igrejas, airosos edifícios de telhados de ardósia com o seu catavento, que é sempre um galo no tampo de uma cruz, enchem-se com os bons dos civis trajando incríveis fatos domingueiros e os soldados portugueses, atraídos pelo espectáculo numa atitude correcta, consideram num momento, o profundo respeito, a tolerância religiosa, deste bom povo da França.

*

De comêço, ao distribuirem-se os soldados em grupos de vinte pelos palheiros das “fermes”, eram estes recebidos com certo retraimento pela população civil. A breve trecho porém, “João Ninguém”, de falas maviosas e de olhar inteligente, começa de captar a boa gente das aldeias. E então, é nessas longas palestras ao canto do lume, rodeado por toda a gente da casa, manobrando à maravilha a linguagem do “pas compris”, que, diante de uma boa malga de café, tasquinhando uma grossa “tartine” com “confiture” de ruy-barbo, dá largas a afectibilidade do seu caracter franco e lial.

Ajudando de bom grado os civis nos seus trabalhos do campo, foi naquelas boas “fermes” com o seu “fumier” atulhado de estrume, a arribana onde se recolhem as vacas, a cavalariça onde descança o manso e gigantesco



cavalão do “Boulonais”, que aprendeu a vêr mais longe e melhor.

E assim, por êste desinteressado auxílio prestado aos camponeses, pela sua boa conduta, pelas afinidades da sua linguagem com o emaran-



nhado “patois” destas regiões, é o nosso “João Ninguém” animado pelas boas velhotas de touca branca, sendo êsse o primeiro passo para se insinuar no coração das “mademóselles”, essas môças que trazem no seu olhar o azul dos nossos ceus.

E o seu discurso para arranjar namôro é sempre o mesmo:

“Mademó-selle” vous fiancé moi après la guerre finie?...

E assim, amorudo e volúvel, namoriscando todas essas meninas das “fêrmes” que se deixam seduzir pelos seus olhos negros, não admira pois que, mais tarde, algum “petit portugais” seja o gentil “souvenir” da sua passagem pela França.

PALMÍPEDES E CACHAPINS

Estabelecido primeiramente em Paris-Plage, num local muito longe dos tiros, assentou o C. E. P. o seu enorme edifício numa “base” pejada de bons emprêgos, ambicionados por aqueles que fizeram da guerra uma excursão à França com bilhetes a meio preço.

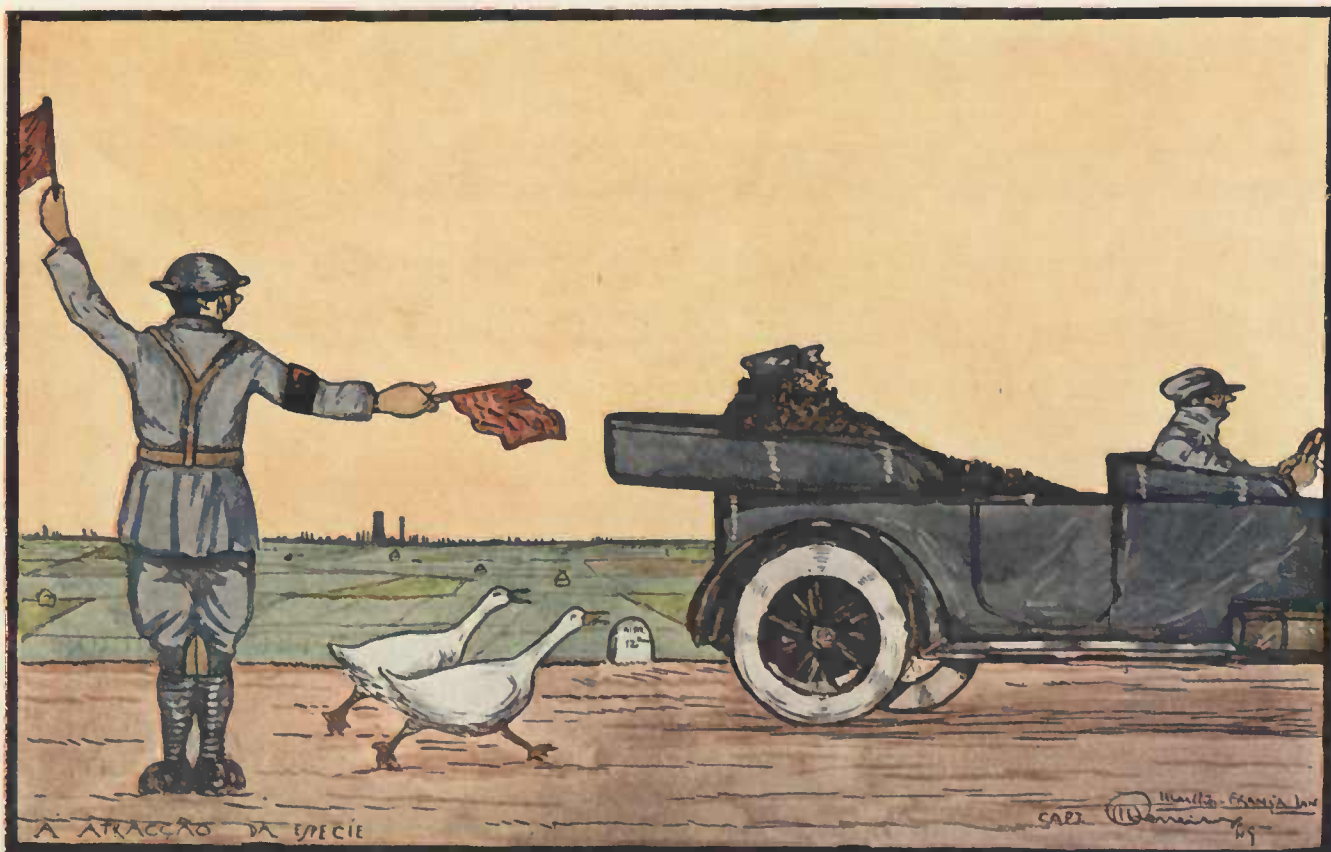
Todos os que na Base passeavam ou trabalhavam, eram sarcásticamente apodados de “básicos”, tendo-se estendido esta denominação aos que viviam nos Quartéis Gerais, felizes “capoeiras” onde imperava essa “fauna” especial pitorescamente conhecida pelos “palmípedes”, alcunha com que “João Ninguém” distinguia o Estado Maior, em referência às “palmas”, que são o emblema da sua elevada situação militar.



Muito embora alguns “palmípedes” tivessem dado já boas provas em África e não tivessem culpa de desempenhar êsses cargos necessários em todos os exércitos, todo o azedume dos que “patinham” as lamas das trincheiras se volta com certa injustiça para êsses felizardos, que, vestidos de urso, cómodamente instalados em “Hudsons” velozes, passam numa vertigem pelas míseras aldeias e que, ao contrário de “João Ninguém”, teem a sorte de aboletar em sumptuosos “chateaux”, podendo com mais freqüência dar largas ao seu feitio namorador, conquistando as gentis “demoiselles” de Brest, Cherburgo, Boulogne, Calais, St. Omer e Aire.

*

Desde que o portuguesinho valente, gosando ao escapar as delícias das “Bases”, foi consignado direitinho para a primeira linha, nunca mais



pode perdoar aos camaradas que se deixaram ficar noutras situações que vão desde os comandos do front até aos Quartéis Gerais avançados.



Assim, os que não roemo “corned-beef” das “trinchas”, e, mesmo ali, os que menos probabilidades tem de se expor aos

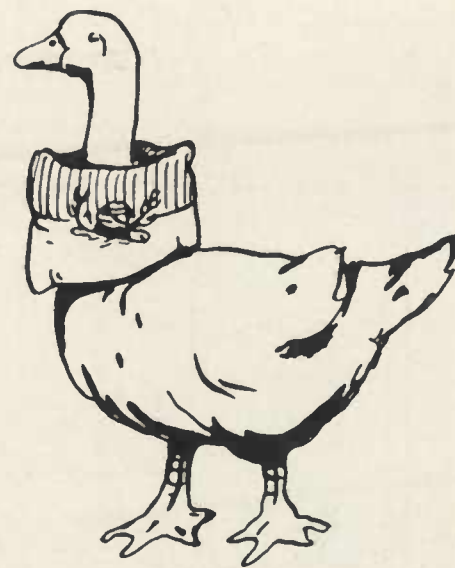
“cacos” dos morteiros, são conhecidos pela desprezível alcunha de “cachapins”. Pois se até “João Ninguém”, quando se apanha várias vezes para lá do arame farpado a poucos metros do “Boche”, chama “cachapim” ao pobre camarada que ao parapeito fica a espreitar pelo periscópio!...

Entre os vários “cachapins” destacam-se os homens dos “braçais”.

Depois dos “palmípedes” que usam o braçal verde-rubro bordado a ouro, outros há ainda que enfiam um braçal indicativo de um serviço “muito especial”, o suficiente para que “João Ninguém”, soldado das “trinchas”, comece a olha-lo de soslaio, desconfiado de tantas aptidões.

Assim, há os que ostentam muito “sérios” o braçal “verde-negro”, insígnia dos que nas Escolas da Especialidade ensinam a fungar os gazes asfixiantes ou dos que nas trincheiras vão identificar os vários cheiros que, em dia de “Gaz-Alarm”, o vento nos traz lá das bandas do “Boche”.

Há o braçal “azul e branco” — braçal subversivo — dos agentes de ligação, que em correrias de motociclete “voam” pelas estradas da “frente”; ou dos que nas linhas se entreteem a restabelecer esse emaranhado “puzzle” das



comunicações entre a Brigada e os Batalhões e entre estas e as companhias.

Há o braçal “amarelo” dos “brigadeiros” da Higiene que, de vassoura e desinfetantes, em situações não isentas de perigo, constroem pelas estradas e nas trincheiras aqueles discretos locais “camuflados” de linhagem e a que dificilmente se habituaram os soldados do C. E. P.

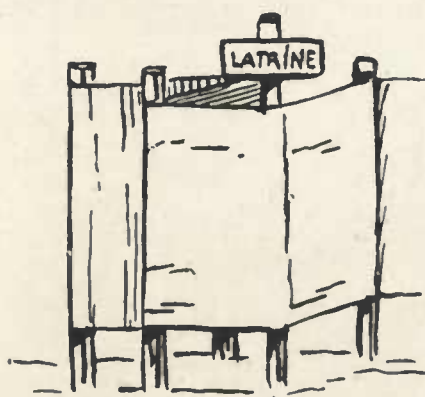


Há ainda o braçal “vermelho” do S. P. C. (Serviço Postal em Campanha) ou serviços “Só Para Comer”, designação muitas vezes injusta para os que, desde Boulogne até Laventie, apartam a correspondência, que é o único bem desta amargurada vida para os que a dois metros abaixo do solo, pelos drenos e lameiros da Flandres, levantam bem alto o nome de Portugal.

Há também o braçal “branco” dos pagadores, o “negro” dos polícias, e finalmente o braçal dos heroicos capelães que, junto dos batalhões, distribuem pelos soldados portugueses essa “ração” de conforto espiritual por vezes tão necessária ao seu feitio religioso.

*

Antes que “João Ninguém” marche definitivamente para o front, é necessário que faça um estágio nos campos de instrução do C. E. P., onde vai aprender a esgrima de baioneta, pulando e berrando como cafres, pretendendo assim imitar os “camones”, seus primeiros instrutores.



Noutras sessões, êle, que é meio zagalo meio fadista, treina-se no lançamento da granada de mão, e tendo praticado na “Luiza”, simpático nome com que usa distinguir a metralhadora Lewis, é por fim levado às Escolas de Gaz de Mametz ou de Herbelles, onde, numa “bicha”, aprende a utilizar os apetrechos





UNE
DEMOISELLE
DE
TRANCHÉE

M. Amira 1918

UM ESCOCÊS

anti-gaz e a teoria e a prática de fungar o gaz “mostarda”, o gaz “maçã”, e algumas vezes o gaz “feijão”, escapado d’algum mais timorato em substituir na câmara dos gazes o respirador pelo capuz.



Fungando pois o gaz, vertidas grossas lágrimas na “câmara dos lacrimogéneos”, finalmente adextrado e hábil em todos os ramos da infantaria, lá marcha por fim “João Ninguém” para o seu pequeno sector da Flandres, onde mais tarde tanto se há de ilustrar sob as ordens de um bravo general, velho soldado das campanhas de África, comandados por algumas dúzias de jovens oficiais em cuja ardente mocidade refulge o “panache” e as altas qualidades da nossa raça.

NAS TRINCHAS

Foi no verão de 1917 que o C. E. P. marchou a ocupar o seu sector na Flandres, num terreno retalhado pelos canais de Lys, todo salpicado por inúmeras aldeias mutiladas pelos bombardeamentos, vastíssima extensão de onde sobresaem os importantes centros de St. Venant, Mérville, Lagorgue, Estaires e Lavantie.

É nestas paragens que “João Ninguém” passa a viver intimamente com o mais antigo dos seus aliados.

Os “camónes” escanhoados e fleugmáticos, brunidos e engraxados, entendendo-se numa mancha côr de kaki desde Amiens até Dunkerque, não quadram nas primeiras impressões ao feitio do nosso “João Ninguém”.

Sobretudo, porque nestas regiões tendo pelo seu lado o prestígio das “libras”, é sempre o seu competidor nos negócios de coração. Mas como são velhos aliados não teem outro remédio senão o de acomodar-se aos velhos hábitos guerreiros, começando por se treinar no “pickles” e na compota de cascas de laranja.





De resto, “João Ninguém”, gosta dos escoceses homens das “Terras Altas” e de saias curtas, ao lado dos quais se bateu heroicamente no 9 de Abril, na defesa de Givenchy.

Tambem os “Canadianos”, de chapéu de feltro levantado, são em geral comunicativos e simpáticos, mas os “Australianos”, de chapéu a cow-boy, sem porte militar e grosseiros, são sempre os antagonistas soados das rixas dos acampamentos.

No entanto, em todas as vicissitudes porque passou “João Ninguém”, ele deve reconhecer que o “camóne”, única palavra inglesa susceptível de entrar no seu ouvido, foi o companheiro leal que sempre lhe proporcionou inúmeras felicidades, abrindo-lhe as portas das “cantinas” e “ordnances”, onde os seus oficiais, mesmo os mais resistentes a se barbearem todos os dias, se “inglesaram” a pouco e pouco, adquirindo os bons impermeáveis, os sobretudos forrados de pele, os enormes “butes” de trincheira, luvas, cinturões, cigarros egípcios, guloseimas, etc., tudo enfim a que não estavam habituados muitos daqueles, que só na guerra foram

aprender certos hábitos de conforto e civilização, e que, com os novos uniformes conseguiram espantar os seus superiores.



*

Quando “João Ninguém” entrou no front por uma apertada trincheira de comunicação, de capacete de ferro, aparelho anti-gaz ao pescoço e uma grossa “Lee-Enfield” na mão, caminhando desageitadamente pelo passadiço das trincheiras, caiu num profundo marasmo embora nunca lhe faltasse a curiosidade, isto é, o ânimo para se identificar a toda a hora com as míseras condições desta sua vida de “toupeira”.

Passadas as naturais apreensões dos que pela primeira vez experimentam as contingências duma guerra extremamente perigosa como foi a de trincheiras, “João Ninguém”, como de resto todos os outros, afaz-se aquela vida subterrânea, em que se passam dias e dias numa horrível tensão nervosa, suportando por fim com o maior sangue frio todo um programa de “partidinhas” que os contendores mutuamente fazem, como sejam o bombardeamento, “raids” e represálias de toda a ordem e em que sobressai o tic-tac das metralhadoras, as enervantes “costureiras” cujas balas sibillam nos cruzamentos de estradas e enfiam as trincheiras de comunicação.

Se calha a “João Ninguém” amesendar num “ele-



fante” da segunda linha, quando está no apoio, quer dizer, se tem a sorte de se encafiar num abrigo coberto com onduladas chapas de zinco,

considera a sua vida menos má, pois que, com mais folga de serviço, pode matar o tempo rilhando buchas de pão com queijo ou escrevendo,



sobre os cunhetes e nos parapeitos, longas epístolas para Portugal.

Se depois de uma “rendição” atormentada, porque o inimigo bisbilhotou dos seus “saucisses” a hora da rendição, o seu pelotão é escalado para a primeira linha, começam então as vicissitudes de “João Ninguém”.

Uma vez distribuido pela “bay”, primeiro um tanto comprometido, mas depois perfeitamente à vontade, entretém-se a “cócar” o inimigo pelo periscópio, e como rápidamente se familiarisa com o perigo, tomado dessa infantilidade tão própria do seu caracter, chega a subir as banquetas para o espreitar melhor, pouco lhe importando que êle envie os mais “gentis” cumprimentos expressos nesses barulhentos morteiros de todos os calibres.

“João Ninguém” tem vários emprêgos na “trincha”, acumulando sempre com a obrigação de ser o “bode expiatório” das represálias da nossa artilharia.

Se é granadeiro, torna-se um precioso auxiliar nos dias de “raid” “limpando” as trincheiras inimigas ou atacando, em noites cerradas, os vultos supeitos na Terra de Ninguém; se é metralhador, quer apontando êsse enorme “canudo” que é a “Luiza”, a metralhadora ligeira ou empunhando essa complicada “costureira”, a metralhadora pesada, responde sempre com vigor e entusiasmo ao fogo do inimigo.

De vez em quando, à boquinha da noite, mandam-no saltar o parapeito para concertar a rede de arame farpado ou então soltando “palavrões”, encharcado até aos ossos, caindo desastradamente pelas “crateras” da Terra de Ninguém, é escalado para fazer uma patrulha num terreno



onde quasi sentè respirar o “Boche”, que manhoso e feroz o espreita à luz dos “very-lights”.

Finalmente, porque é bom atirador, fazem-no “Sniper”, quer dizer, fica especialmente encarregado de “despachar” o inimigo que passe ao alcance da sua espingarda, segundo os informes que lhe veem dos observatórios.



*

Nas trincheiras é sempre fraternalmente comandado por esses bravos “alferes”, moços decididos de “coração ao largo”, que, como êle, sabem recalcar as “fraquezas humanas” com o mais alevantado pundonor.

Por isso, vendo os seus oficiais de farda enlameada e “butes ferrados” suportando com stoicismo os bombardeamentos e as privações, as saudades e o “corned-beef”, despreza aqueles “janotas” da Base, de calças arregaçadas e de sapatos “golf”, que só conheceram a guerra pelas fotografias das “magazines” e, gozando as trinta mil folias dos “boulevards” das grandes cidades, apenas os seus ouvidos lograram experimentar os estampidos do desrolhar das garrafas de “champagne”.

*

A vida nas trincheiras de Lavantie, Chapigny, Férme du Bois e Neuve-Chapelle, decorre, nos primeiros tempos do C. E. P., com relativa tranqüilidade.

Aparte aquele bombardeamento da noite de Santo António, em que o “Boche” fez a primeira apresentação da sua “pirotecnia” de guerra,

passa-se o tempo de um lado e outro, em “referenciações” de artilharia preparando “raids”, havendo consecutivas reuniões em Lestrem, Quartel General da Primeira Divisão, em que acaloradamente se discute a “conquista” de Aubers.



No entanto, “amigo” “Boche” não dorme, e, depois de qualquer ataque de gaz ou duma represália de morteiros, é natural que se encham de feridos as ambulâncias e os hospitais de sangue.

Foi assim que “João Ninguém”, depois de ter repellido com bravura um “raid” inimigo, não tendo abandonado a sua metralhadora, apesar de ferido gravemente, foi depois mandado baixar aos hospitais de sangue e aí entregue aos cuidados das boas enfermeiras portuguesas.

Nas ambulâncias mais avançadas e nos hospitais da Base, são essas gentis raparigas, graciosas figurinhas fardadas de cinzento, com patentes de oficial e a quem certamente todos os soldados do C. E. P. desejariam ficar eternamente “subordinados”, que levam à cabeceira dos feridos a suprema consolação do timbre da sua voz tão meiga e que faz sarar as mais fundas cicatrizes.

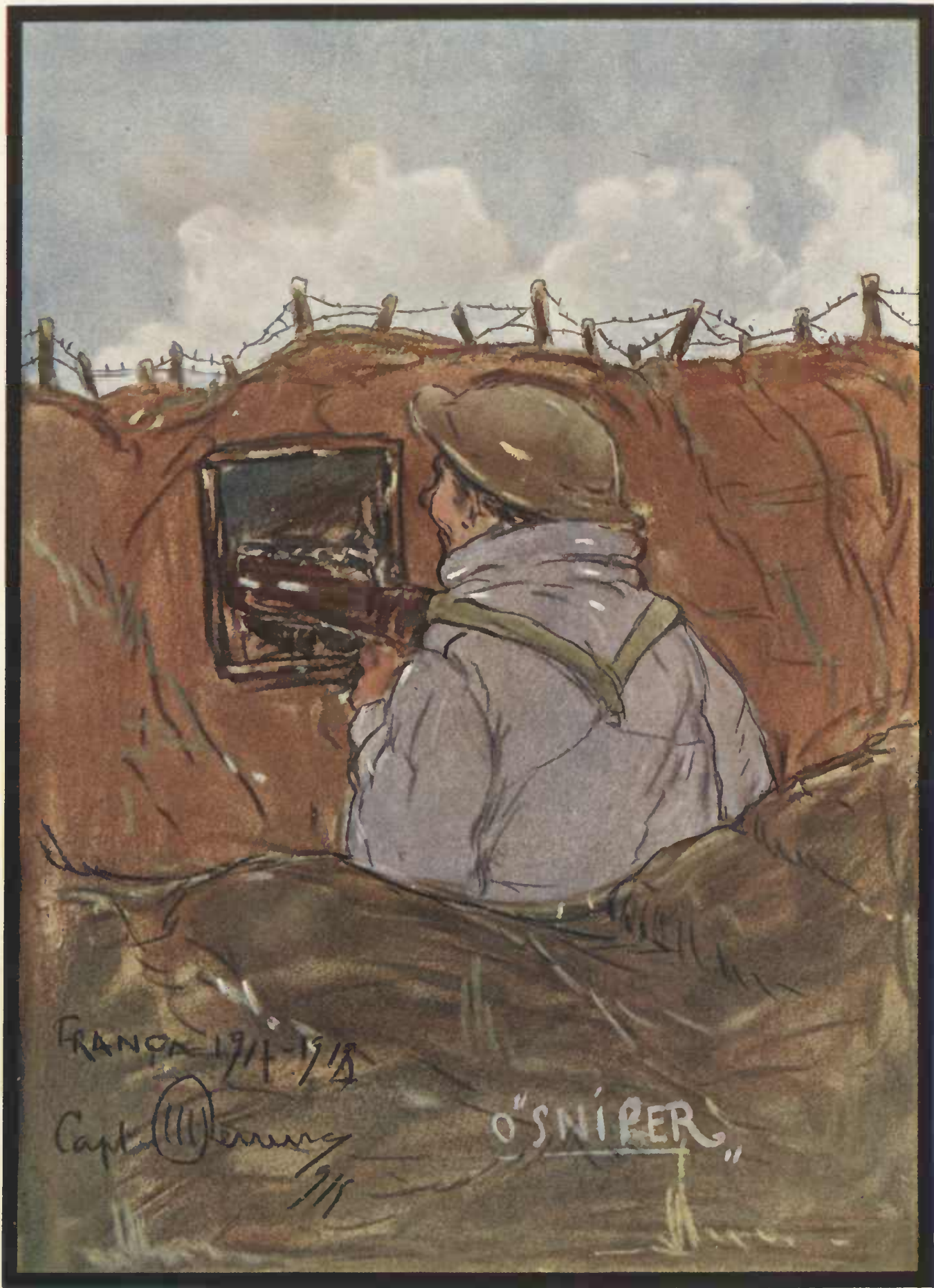
E assim, “João Ninguém”, nostálgico e febril, vendo perpassar nas enfermarias estas esbeltas silhuetas, deixando voar o seu pensamento para Portugal, onde o espera talvez a sua noiva, quanta vez lhe não acode aos lábios aquelas palavras da “Madelon”:

“On se figure que c’est l’autre et ça nous fait bien plaisir...”

*



É já em pleno inverno que “João Ninguém” regressa de novo às “trinchas”, ostentando no braço esquerdo o doirado “brisque” de ferido em campanha.



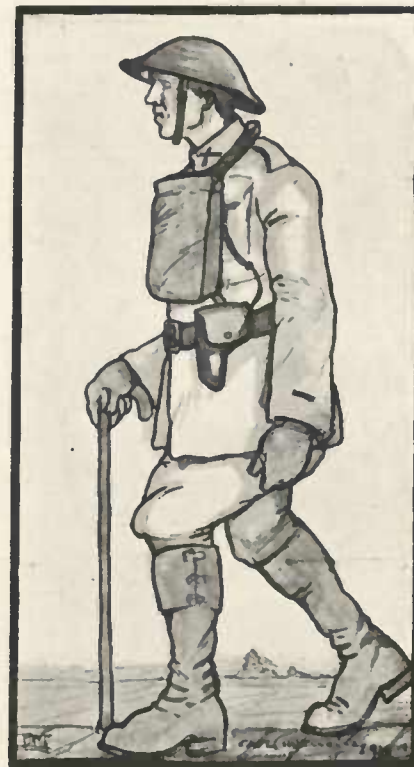
O ATIRADOR ESPECIAL

A neve cobre agora, quasi totalmente, estas infindáveis e remechidas paragens manchadas aqui e ali pela terra negra dos buracos das



granadas, e o frio, ocasionado por uma temperatura de muitos graus abaixo de zero, inteirica os membros dos pobres soldadinhos.

Dentro dos abrigos, em volta de latas vazias — brazeiros improvisados — agacham-se os soldados friorentos, que em silêncio esperam ansiosamente o ataque do inimigo.



Lá fora, em volta de “João Ninguém”, tudo é curioso e verdadeiramente empolgante!

O estranho cenário das trincheiras debruadas pela neve, os poentes sanguíneos riscando ao longe, lá para as bandas de Lille, um horizonte cinzento sujo; as granadas rebentando as crostas de neve, o clarão dos morteiros pesados, os efeitos do luar nestas complicadas comunicações subterrâneas e nas noites escuras os “very-lights”, fachos iluminantes, rebrihando num feerismo de arraial minhoto, enchem de pasmo os soldadinhos.

Até mesmo o ribombar do canhão como que rasgando a atmosfera, por entre os clarões vermelhos como o sangue dos que tombam na refrega, tem outro som mais cavo e mais desolador.

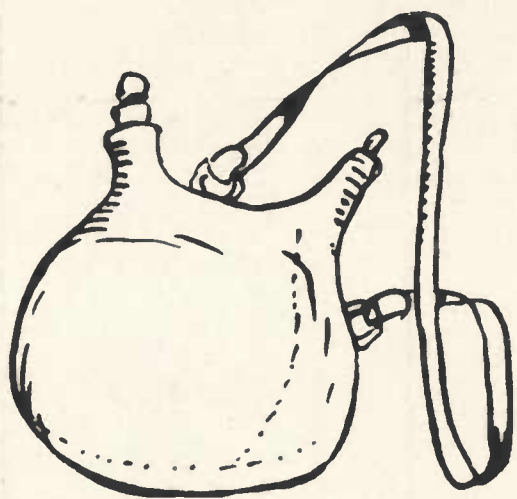
Que tristeza infinita, que infinita anciedade nessa hora do “a postos”, hora do crepúsculo em que essa martirizada população das trin-



cheiras, armada até aos dentes, a baioneta em riste, espera nervosamente as eventualidades de cada minuto.

Quem existe aí, antigo tropa do C. E. P., que não tenha sentido percorrer na espinha aquele exquisito ar-repio que precede tantas vezes “a hora zero”, hora combinada pelo comando para o início de um ataque?!

E assim, neste doloroso inverno em que mais e mais se movimentava o pequeno e já glorioso sector português, começam para “João Ninguém” as mais duras provas de resistência física e moral.



Oito meses de seguida pelos drenos gelados, pelas crateras e minas infectas destes enlameados terrenos das margens do Lys; oito meses de contínuas patrulhas na “Terra de Ninguém” suportando os “raids” inimigos, os ataques de gases, o enervamento diário das metralhadoras e morteiros, mais uma vez temperam o seu carácter de antigo batalhador.

Agora é êle que tomã a iniciativa dos ataques.

As suas proezas repetem-se todos os dias para além do “arame farpado” e de todas elas “João Ninguém” sai sempre ileso e coberto de glória.

E sendo bastas vezes elogiado nas ordens do dia do “Camóne”, correndo a sua fama do norte ao sul da França é, porém, quasi sempre esquecido nas terras de Portugal.

*

Em todos os cruzamentos das trincheiras ou estradas que conduzem à primeira linha, as sentinelas, embuçadas nos seus “pelicos” alemtejanos ou enrolados num lençol impermeável em guisa de “water-proof”, a despeito das balas e estilhaços que barram êsses locais especialmente batidos pelo inimigo, estão sempre firmes no seu pôsto, embargando o passo e reclamando o “santo e senha” a todo o vulto que por ali se aventura pela noite.

Em noites de S. O. S., noites de alarme, o espectáculo atinge o seu máximo de grandeza em que tudo refulge, iluminado pela esfuziante luz dos “very-lights” multicolores, sinais affitivos lançados da primeira linha pedindo o socorro às baterias do sector.



Como se ainda não fôsem bastantes as diversidades de luz que iluminam o campo de batalha, aos clarões dos projecteis que rebentam



vem-se juntar êsse branco e intenso foco de luz dirigido pelos projectores, sôbre algum avião inimigo que por sua vez lançando sinais luminosos estabelece um serviço de ligação com a sua artilharia.

O estrondo que atrôa os ares durante algum ataque é pavoroso e indiscriminado.

A explosão das granadas de grosso calibre faz tremer o solo e rachar os abrigos de "béton" de forma que ao terminar êste fenomenal espectáculo do S. O. S., quando a calma se restabelece em todo o sector, "João Ninguém" deitando a cabeça de fora do abrigo dificilmente se convence que a terra continua no mesmo sítio ou que ainda existem homens sôbre ela.

A sanha da destruição, o constante e deletério bafo da morte, endureceu o coração dos combatentes.

Agora se explica, como "João Ninguém", de ordinário sentimental e bom, pode lançar numa noite de Natal, sôbre as trincheiras inimigas, o mais terrível bombardeamento suportado na Flandres antes da ofensiva de Abril de 1918, e apenas ultrapassado em ferocidade por aquele com que o "Boche", como represália, o brindou saudando a entrada do Novo Ano.

*

E assim se passam os dias nesta mortificante vida das trincheiras. As notícias do país, constantemente retardadas pelas fronteiras que

se fecham apenas se intensifica a ofensiva do inimigo, encheu de tristeza “João Ninguém”, agora abandonado ao seu espírito altivo e que entre estrangeiros — valha-nos isso — o estimula às maiores façanhas, mascarando assim um cansaço físico tão natural para quem tem suportado, durante tanto tempo, trabalhos e sacrifícios superiores às suas forças.

Êle que se adaptou, quando em repouso, a esta vida da população civil do Pas-de-Calais, perdidas todas as esperanças de ser rendido, não tem outro remédio senão o de acamaradar com os ratos das trincheiras, verdadeiros “profiteurs” desta guerra e que naturalmente, como eles, desejam com ância que ela se eternize.

O ratos, não pretendendo defender o Direito e a Liberdade dos Povos, nem exaltar a supremacia de um tirano ou de uma casta, aproveitam-se, como certos “neutrais”, de tudo que de um ou outro lado os combatentes usam deixar nas trincheiras, e de tal modo o fazem que para mal de “João Ninguém”, prevendo a penúria que já se desenha nos arraiais inimigos, desertam num verdadeiro êxodo para as três linhas defensivas do C. E. P.

*

Desde Fleurbaix até Givenchy, o front português, que de comêço era calmo em relação às atribuladas paragens do Somme ou de Verdun, transforma-se num verdadeiro mar encapelado de bombardeamentos e “raids” quasi consecutivos.

Quem não se lembra ainda daqueles socegados dias dos sub-sectores de Fauquissart, Chapigny e Neuve-Chapelle, em que nos dias de folga se “cavava” até “La Gorgue” ou “Estaires” a desenjoar o “pickles” das “trinchas”, comendo um jantar meio civilizado dum qualquer “Hotel du Commerce”?!

Pode-se lá esquecer aqueles tempos em que os oficiais de “João Ninguém”, depois dos dezoito dias de trincheira, galopavam em doidas



cavalgadas para “Béthune” ou “Méville”, onde certas “demoiselles” os esperavam, “malgré la police anglaise”, o desconto na subvenção e a competente “queixasinha” para a família?!



Mas tudo isso passou breve, pois que o inimigo, deixando de respeitar as cidades e aldeias próximas do “front”, que desde 1915 nunca mais bombardeara, passou a atormentar a vida dos que aí se tinham instalado em esplendidos “chateaux”, chegando até a atingir os Quartéis Gerais, depósitos e centros de reabastecimento.

Num momento tudo se transformou no sector português.

Até o canhão 42 começou a cumprimen-

tar o cidade do Aire, situada a uns bons 40 quilómetros da frente, muito embora o “Q. G. 3”, a célebre livraria da “Grande Place”, e a Germaine se tivessem mantido firmes no seu pòsto de honra!

É na verdade era desolador o espectáculo diário das “épiceries” arrombadas, dos joalheiros e outras lojas de “souvenirs” desmanteladas, não desconcertando o espírito especulativo dos civis, que mesmo sôbre os escombros, desde que tivessem duas táboas corridas e quatro prateleiras de caixote, improvisavam um balcão por detraz dos quais impingiam aos militares tudo aquilo que lhes era impossível adquirir, naquele momento, nos grandes centros.

Os meses de Janeiro, Fevereiro e Março até às vésperas do 9 de Abril de 1918, são meses terríveis para o pequeno exército português!



Nos batalhões dizimados pelos ataques de gases, extenuados por um serviço mortificante, “João Ninguém”, magro, de olhos soberbos cuja expressão enérgica o faz desconhecer a si mesmo, cerra os dentes e atira-se

valorosamente a todos os perigos e até quasi com gosto se afunda na carnagem!...

Ao contrário do que o “Boche” pensa, os constantes ataques mais excitam o seu ardor guerreiro, até que por fim, como os seus irmãos de armas, os “poilus”, já se deixam arrastar para a vertigem dos combates, esquecendo assim no turbilhão as suas fundas misérias de soldado e sobretudo as infinitas saudades, incurável moléstia de que estão atacados os sessenta mil corações do C. E. P.

A RENDIÇÃO:

O batalhão de “João Ninguém”, acantona agora em Laventie, cidade em ruínas a três quilómetros das “linhas”.

Já não é aquele milheiro de homens que no passado verão tinham galhardamente ocupado o sector na plenitude da sua organização.

Agora são farrapos de um batalhão que num pequeno efectivo, “apalpado” por bastos meses na trincheira, mais uma vez são mandados marchar dum repouso fictício para render na frente outros camaradas tão exaustos e





NOITE DE S. O. S.

martirizados como êles, pertencendo a categoria “gentilmente” classificada no C. E. P. pela “malta das trincheiras”.

Era já noite quando chegaram as tropas.

Como o frio aperta e a neve barrenta destas regiões é mais um suplício para a gente que veiu dos doces climas de Portugal, de tudo “João Ninguem” improvisa abafos para se defender da intempérie.



Uma vez chegados a Laventie, cansados da marcha, espalham-se pelos portais dos edifícios desmantelados, utilizando as chapas de zinco

e todo o madeiramento que lhes vem à mão para calafetar as portas e janelas destruidas pelos estilhaços.

Os civis que dantes teimavam em permanecer juntos dos batalhões para os explorar, impingindo-lhes as trinta mil bujigangas das suas “étalages” armadas nas janelas das “férmes”, há muito que partiram, aterrorizados pela súbita mudança do “Boche”, que não tolerando o espírito ofensivo dos portugueses neste inverno de 1918, redobra na sua fúria de bombardear sistematicamente a retaguarda do sector.

O batalhão de “João Ninguem” deve iniciar a rendição na madrugada seguinte.

Os soldados na sua maioria pouco dormem, e a noite, de quando em quando repassada por um silêncio de chumbo, pesa dolorosamente em todos os corações.

Lá em baixo na primeira linha ouve-se uma sêca detonação, e a seguir, como um fósforo de cera riscando o ceu, um “very-light” iluminando por instantes as trincheiras, silhueta aqui e além os homens e as

coisas, pondo manchas de luz nos capacetes de ferro ou na estacaria do arame farpado.

De quando em quando uma “rajada” de metralhadora zune como um vespeiro pelo ar frio da noite.

Pelos boletos alguns soldados, assobiando fados tristes, arranjam no escuro os sacos e bornais, enquanto que outros, mesmo armados e equipados, resonam de assobio insensíveis ao frio e às emoções...

E assim se passa uma noite — essa interminável noite do front — até que morrem os últimos “very-lights” quando as manchas alaranjadas de uma vaga aurora esbatem ao longe um ceu anilado-sujo...

Depois de engulido um ignóbil café, as companhias escalonadas nas estradas fazem avançar, por pequenas fracções, os homens tranzidos de frio, mal aquecidos pelo rhum e dobrados menos pelo pêso dos equipamentos do que pelo das suas incríveis trouxas de maltezes.

Os grupos seguem pela rua de Bacquerot, onde desembocam todas as trincheiras do sub-sector e, uma vez aí, penetram à formiga nesse labirinto que os há de conduzir à primeira linha, onde os seus camaradas há doze dias sofrem as asperezas dos bombardeamentos e as violências dos “raids”.

Agora os que saem das “trinchas”, barbudos, olheirentos, imundos nos seus uniformes enlameados e crivados de nódoas, regressam a





um merecido repouso com a pequena alegria de quem se vê, momentaneamente, “dispensado” dos morteiros e quejandos processos de destruição.

É que a vida no “front” agitou-se de tal forma que muitas vezes “João Ninguém” ajuizadamente pensa que é preferível “gosar” os bombardeamentos no parapeito, a dois passos do “Boche”, do que em noites de “Gothas” andar de cave em cave e de enxêrga na mão, nesses confortáveis boletos da rectaguarda.

O 9 DE ABRIL:

Para os bravos soldadinhos, que há cinco meses pelejam nas esbeicadas crateras da Flandres, chegara finalmente, em 8 de Abril, a boa nova da rendição.

“João Ninguém”, heroi e mártir das trincheiras, conduzido durante tanto tempo à suprema glória dos “raids” por êsses bravos oficiais que são a fina flor do arrôjo e do “panache” lusitano, ganhara mais do que nunca o direito a um largo repouso que lhe havia prometido o “camone” lá para as bandas de Boulogne-sur-mer.

Emfim! Ao raiar do dia 9, os soldados do C. E. P. deveriam ser rendidos por tropas inglesas se... pelas 4 horas da madrugada o

“Boche”, que durante a noite se mantivera silencioso, não tivesse iniciado um cerrado bombardeamento cada vez mais intenso e que poz em sobre-



salto todos os bravos defensores das trincheiras que vão desde Picantin a Neuve-Chapelle.

Um densíssimo nevoeiro envolve agora este sector infernal e o indisciplinável ruído de milhares de peças, vomitando lume e metralha a um tempo, abala o terreno em que se desmoronam as desmanteladas aldeias, “férmes”, pontes, diques e comportas do Lys, em cujas águas as granadas de grosso calibre espadanam com fragor...

As rajadas das metralhadoras, num constante “tac-tac”, enfiando, como verdadeiras nuvens de balas, trincheiras, redutos, estradas e ambulâncias, numa fantástica precisão, põem a nota enervante, “ceifando” os grupos de soldados que, como sombras, se deslocam para um lado e outro das suas posições da Linha das Aldeias.

Entremeando o bombardeamento com granadas de todos os calibres, numa diabólica escala de destruição, o “Boche” faz rebentar, desde a primeira linha até às estradas e locais de reabastecimento, inúmeras granadas de gazes asfixiantes que tornam irrespirável o ambiente do sector.

“João Ninguém”, atacado assim de surpresa, e de princípio convencido de que se trata de uma represália, informa-se pelo telefone em todas as direcções...



Mas as ligações falham, e o telefone só tem serventia nos tempos calmos do front quando em noites de S. O. S. o major F. do A. arrelia

as Brigadas que fazem perguntas de “algibeira” por entre o fragor dos bombardeamentos.

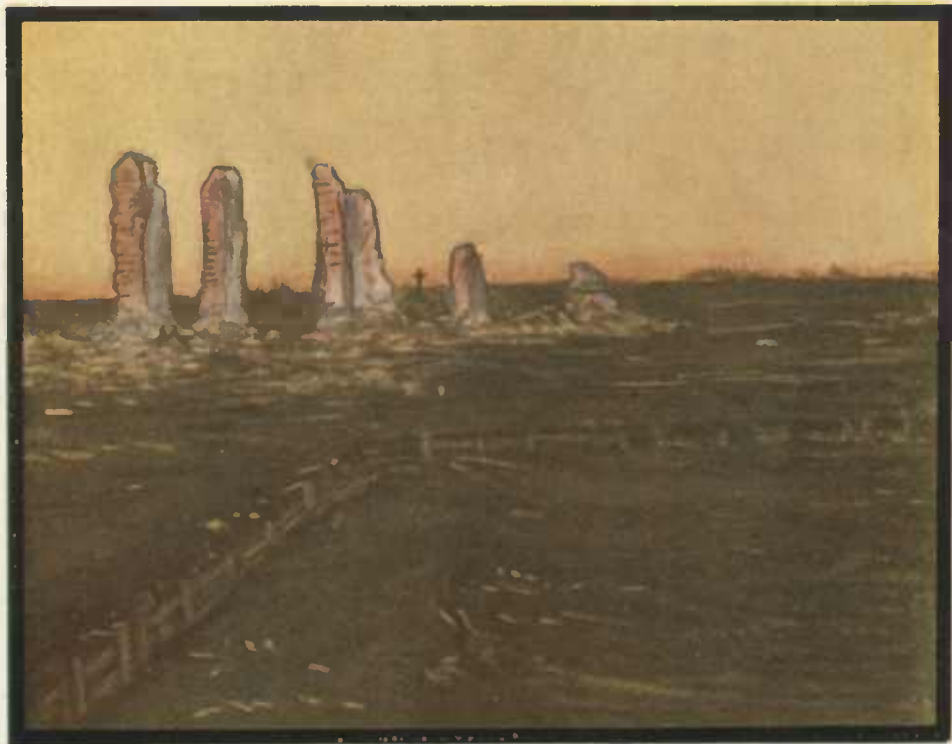
E a fúria assoladora do canhão, alongando o tiro, jugulando num círculo de ferro e fogo os 30 quilómetros de profundidade do pequeno exército português, continua pela manhã fora, até que, finalmente, as vagas assaltantes do inimigo, entrando nas trincheiras de primeira linha, logram entrar pelo flanco esquerdo atacando já algumas unidades pelas costas...

Aqueles que não podem resistir a êste formidável embate são esmagados nas suas posições ou feitos prisioneiros e, mesmo assim, muitos dêstes são depois fuzilados numa sanha de canibais.

É então que todas as velhas energias da raça e aquela vontade de vencer no Salado, Aljubarrota, Montes-Claros, Bussaco, Muflo, Magul, Naulila e Serra M'kula, se concentram num fraco reduto, onde umas centenas de galhardos corações defendem, valorosamente, as honradas tradições de um povo de guerreiros.

La Couture! La Couture!

É nesta povoação, retalhada de trincheiras e abrigos, em cujas ruínas se organiza uma defesa à “outrance”, que um “João Ninguém”, enérgico soldado do Marão, comandado por valorosos oficiais tocados pelas virtudes guerreiras dos seus antepassados, cercado durante um dia inteiro por um inimigo furioso, esgotadas as munições e os víveres e perante a inutilidade de um sacrifício extremo, inscreveu, em letras de sangue, os seus Iniludíveis Direitos de que mais tarde se esqueceram um pouco os senhores diplomatas de Versailles.



CONTINÊNCIA AOS MORTOS:

Largo, interminável, desolador, onde um poente amarelo sujo com laivos de sangue mais realça a tristeza infinita que cobre estas ruínas, estende-se à nossa vista um campo devastado...

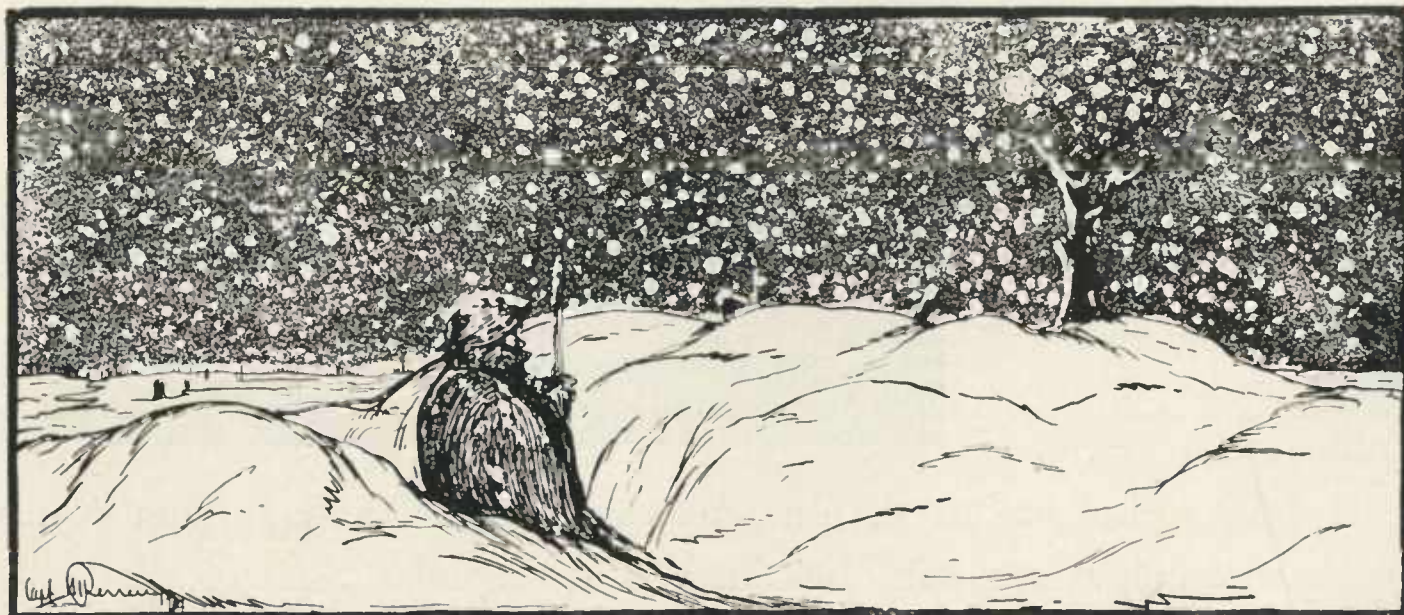


É o Campo de Batalha!

Campos outrora férteis, retalhados pelos canais de um manso rio ladeado de salgueiros; terras benditas como que remendadas por vários tons de verde e de "sienna" queimada; estradas amplas, bordando aqui e além uma série de aldeias muito limpas, muito iguais; cantões de chaminés fumegantes, com rijos trabalhadores que são a glória da França; comunas populosas, servidas por minúsculos comboios aparecendo aqui por entre um campo de beterrabas, bufando além em grandes fumaradas através de taludes, onde tranqüilamente pastam vacas e poldras do Boulonais; cidades velhas-relhas dos tempos das cruzadas e dos bons "Sieurs" flamengos, com os seus atestados de antiguidade gritados a distância do alto dos seus "Beffrois", velhas torres dessas majestosas catedrais da Flandres e do Artois; enfim, terras sagradas, heroicos baluartes dos povos livres, campos de batalha da França e... de Portugal, revolveu-os a sanha da carnificina, o ciclone implacável do canhão.



Campos, vilas e cidades jazem agora sangrando numa exaustiva continuidade de quilómetros sem fim, mostrando as suas largas feridas



nessas profundas covas e paredes aluidas pelas granadas, deitadas por terra como baralhos de cartas.

Mérville, La Gorgue, Estaires, lindas cidades do Pas-de-Calais, estão reduzidas a dois palmos de tijolos, e, de muitas vilas como Colonne-Sur-La Lys, jámais se conseguirá reconhecer a traça primitiva.

A denominada Linha das Aldeias, entre as quais “João Ninguém” conhecera Belle-Croix, Le Drumez, Pont-du-Heme e tantas outras alegres terreolas, bem se poderá chamar agora a “Linha das Ruínas”.

Pois se até a fúria dos canhões nem sequer poupa aqueles humildes cemitérios do nosso front, que foram sempre o orgulho dos bons padres-capelães! Estampa-se por toda a parte o rasto da morte e do in-



cêndio: aqui e além, empestando o ambiente, jazem cadáveres insepultos, despojados dos seus uniformes, apodrecidos em estranhas posições, os dedos enclavinados, as faces negras e decompostas...

Nos bosques e vergeis o espectáculo das árvores cortadas cercas ou mutiladas pelos estilhaços, confrange-nos o coração e, nas vastas planícies, as árvores meio derribadas, cujos troncos se erguem para o ar numa aflição, são como que os espetros dos milhares de soldados que ali caíram em defesa da Pátria, clamando eterna vingança contra o “Boche”.

E assim, ante a feroz violência do inimigo, sem ramos nem telhados em que pudessem construir seus ninhos, não admira pois que as aves



tivessem de há muito abandonado êste belo rincão da França outrora tão rico e feliz e agora imerso na mais completa desolação...

Apenas os corvos, êsses "Thenardiers" de todos os tempos, rebuscam crucitando o Campo de Batalha.

.....
Ora foi justamente neste Campo de Batalha que em 9 de Abril de 1918, "João Ninguem", simples soldado de Portugal, caiu para sempre, pelejando com honra ao lado dos seus aliados.

Nessa pavorosa batalha do Lys e em todos os combates da frente portuguesa, perderam a vida milhares de soldadinhos defendendo à baioneta, num supremo arranco de valor, o prestígio das velhas Quinas.

Infantes e metralhadores, de armas na mão, numa perfeita noção do sacrifício extremo, deixaram-se matar até ao último cartucho.

Artilheiros portugueses, que foram sempre o justificado orgulho do nosso exército e, em todos os transe da luta, o almejado apoio dos infantes, fizeram reboar nas planuras da Flandres, pela boca dos seus canhões, o supremo grito de um Direito que uma Fôrça bruta esmagou, caindo para sempre nas suas heroicas baterias onde os últimos soldados, gastas as munições e ainda com um sôpro de vida, despedaçaram as peças a golpes de alvião.

Agora que se extinguiu de vez êsse maldito som do canhão e que



à Charrua da Morte se substitue arroteando de novo a charrua do lavrador, levantados dessas trincheiras enso-
padas pelo seu sangue generoso, dormem os bons soldados portu-
gueses o rico sono da eternidade, nesses covais quasi graciosos do norte

da França, espalhados à beira dos caminhos, emergindo nos trigueirais em flor ou acoitados à sombra das cerejeiras.



Longe, muito longe do ceu azul de Portugal, dos montes verdejantes ou das fartas campinas das suas províncias, descansam pois, nos ásperos climas da Flandres, os nossos Mortos da Grande Guerra.

.....
Ó mães de Portugal, mulheres de uma só fé, que de Norte ao Sul educais os vossos filhos nas heroicas tradições da nossa raça, ensinai a amar essa humilde figura de soldado que sustentou em África e na Flandres as mais rudes pelejas, porque assim, perante a Ingratidão Humana, conseguireis depor, no eterno Pantheon da Memória dos vossos filhos, o cadáver de “João Ninguém”, êsse “Soldado Desconhecido” de uma grande nação desconhecida.



A Portugal minha mãe
Deu seu filho p'ra soldado:
Quem dá aquilo que tem
A mais não é obrigado.





119

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DOS SERVICOS GRAFICOS DO EXERCITO
MCMXXI:: GRAVURAS DE PIRES MARINHO
E BORDALO PINHEIRO & LALLEMANT
DEPOSITARIOS LIVRARIA PORTUGAL-BRAZIL L^{DA} L^X

